

Terra Brasilis

Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

8 | 2017

Dossiê “5º Congresso Brasileiro de Geografia – 100 anos”

Bernardino de Souza, um inovador da geografia no Brasil

Sergio Nunes Pereira e André Nunes de Sousa



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/2208>

DOI: 10.4000/terrabilis.2208

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Sergio Nunes Pereira e André Nunes de Sousa, « Bernardino de Souza, um inovador da geografia no Brasil », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 8 | 2017, posto online no dia 27 junho 2017, consultado o 20 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabilis/2208> ; DOI : 10.4000/terrabilis.2208

Este documento foi criado de forma automática no dia 20 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Bernardino de Souza, um inovador da geografia no Brasil

Sergio Nunes Pereira e André Nunes de Sousa

NOTA DO EDITOR

O presente texto serve de apresentação à memória “A sciencia geographica. Seu conceito e suas divisões. Seriação logica dos estudos geographicos”, apresentada por Bernardino de Souza ao 3o Congresso Brasileiro de Instrução, reunido na Bahia em 2 de Julho de 1913, e publicada no ano seguinte na *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia*, Ano XXI, v. XIX, n. 40. Veja-se também neste mesmo número os artigos “Bernardino de Souza e o desenvolvimento da Geografia no Brasil” de André Nunes de Sousa e “A Geografia das Cidades em Bernardino José de Souza” de Wendel Henrique Baumgartner.

- 1 A educação geográfica escolar foi apontada diversas vezes como elemento central para a constituição da geografia como disciplina acadêmica autônoma, em diversos contextos nacionais (Capel, 1981; Rhein, 1982; Escolar, 1989; Pereira, 1989; Vlach, 1991). Em particular nos países onde a geografia universitária estabeleceu-se tardiamente, como o Brasil, a introdução das novas ideias que conformaram o campo disciplinar, ocorreu por iniciativa de reformadores do ensino de geografia como Delgado de Carvalho, Everardo Backheuser e Fernando Raja Gabaglia, cujo mérito foi reconhecido pela historiografia recente do pensamento geográfico (Zusman & Nunes Pereira, 2000; Anselmo, 2002; Vlach, 2004). Mas trata-se, ainda, de uma história com muitas lacunas, sobretudo quando se considera que os autores citados foram mais atuantes no cenário educacional nas décadas de 1920 e 1930, tendo como base geográfica a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal.
- 2 Um olhar mais atento permite identificar o impulso renovador do ensino de geografia em momentos anteriores, e não apenas centrado na capital do país. No final do século XIX, homens públicos como Ruy Barbosa (1882) e José Veríssimo (1890), por dever do ofício e patriotismo, empenharam-se pela atualização da educação geográfica no país (Machado,

2003; Rocha 2009). Desde aí, portanto, podemos encontrar expressões como “orientação moderna” ou “racional” relacionadas e este campo do conhecimento, tido como vital na formação dos jovens estudantes. Tais expressões aparecem igualmente nos discursos e memórias apresentadas ao I Congresso Brasileiro de Geografia (1909), que, em meio a uma grande quantidade de assuntos práticos, realizou discussões sobre métodos e orientações filosóficas em sua 11ª comissão, dedicada a Ensino, Regras e Nomenclatura. Nesta ocasião, porém, os novos cultores da geografia estavam ancorados em bases mais sólidas que José Veríssimo e Ruy Barbosa. Mesmo diletantes na matéria – eram advogados, engenheiros, militares e professores – esses homens a lecionavam no ensino secundário, ou a tinham como saber complementar de suas práticas acadêmicas. Isso parecia suficiente para que estivessem atualizados na área, como se pode constatar a partir das numerosas referências a compêndios, programas e formulações teóricas de geógrafos estrangeiros. De fato, ao contrário dos letrados do final do século XIX, os novos partidários do “método racional” tinham por detrás de si o arsenal de uma disciplina instituída academicamente, na Europa e nos EUA (Nunes Pereira, 2010).

- 3 É precisamente neste contexto que podemos situar o professor baiano Bernardino José de Souza. No congresso de 1909, Bernardino apresenta a memória *A remodelação do ensino de Geografia é uma necessidade inadiável, tendo como base a criação de uma cadeira de Geografia Física*, à qual anexa um programa de geografia física que propõe ser adotado nas escolas de engenharia. Nesse texto incisivo, o professor faz coro aos protestos daquela Comissão contra o atraso da educação geográfica no Brasil, em franco contraste com os “estupendos progressos que há realizado a Geografia nestes últimos tempos” [na Europa] (Souza, 1911: 88).
- 4 Dois anos depois, Bernardino apresenta ao 3º Congresso Brasileiro de Instrução, realizado em Salvador, a memória intitulada *A ciência geográfica: seu conceito e suas divisões. Seriação lógica dos estudos geográficos*, que oferecemos ao leitor de Terra Brasilis. Mais do que “profissão de fé”, trata-se de uma reflexão crítica sobre as bases tradicionais do ensino de geografia e a necessidade de sua urgente renovação científica e pedagógica. Considerando o momento em que foi apresentado, no âmbito da jornada acadêmica referida, o texto adquire um valor inusitado como documento da história da geografia no Brasil, por suas propostas e considerações.
- 5 O caráter inovador da memória não se faz notar imediatamente. Em sua parte inicial, o autor discute questões relacionadas a uma divisão longamente consagrada na tradição geográfica, que atribui a este campo do conhecimento uma parte Geral e outra Particular – a primeira, expressa em termos teóricos, estaria ancorada em estudos analíticos e na identificação de leis gerais para os fenômenos considerados em si mesmos; a segunda, de modo complementar, se pautaria na descrição de áreas determinadas, que, em sua individualidade, manifestariam as “leis” da parte geral. Apoiado nessa distinção, que remete a Ptolomeu e Varenus, Bernardino decompõe a ciência geográfica em diversos subcampos, que são descritos de forma sistemática e detalhada, quase exaustiva.
- 6 Não seria descabida a pergunta: sob o peso desse levantamento erudito, tão a gosto dos antigos, onde residiria a inovação? Sugerimos que ela se revela, no texto, em pelo menos três aspectos: a concepção geral de unidade orgânica que deve orientar a ciência geográfica; a disposição sequencial de seus conteúdos; e o uso de material e recursos didáticos apropriados em seu ensino. Estando este último aspecto bem exemplificado na memória, podemos situar brevemente a presença dos dois primeiros na argumentação do professor baiano.

- 7 Os projetos cognitivos que ganham corpo na geografia alemã do final do século XIX, com Richthofen e Ratzel, constituem novidade justamente por seu afastamento da feição enciclopédica que caracterizava a disciplina até então e mantinha, ainda, forte presença em seu ensino, sobretudo fora do contexto europeu. Mesmo preservando a pretensão de abarcar um vasto conjunto de fenômenos na construção do conhecimento geográfico, tais projetos enfatizavam as correlações entre esses diversos fenômenos no conjunto terrestre, em detrimento de sua apreciação isolada, de forma acumulativa e descritiva. Buscava-se, assim, evidenciar os nexos entre a natureza abiótica e o mundo vivo, numa perspectiva organicista sintonizada com o pensamento científico da época, tributário do evolucionismo biológico. Nisso consistia o principal traço distintivo da nova geografia acadêmica frente às versões tradicionais que ainda permaneciam na disciplina. No que tange à questão, não há margem de dúvida quanto ao alinhamento de Bernardino.
- 8 Para efeito didático, o complexo encadeamento de elementos que constituía a matéria essencial do estudo geográfico exigia estratégias racionais para tornar-se compreensível e coerente. Em função disso, o professor baiano propõe a organização lógica dos itens programáticos de acordo com um rigoroso plano sequencial, buscando não romper a interdependência dos assuntos e apresentá-los em grau crescente de complexidade. As esferas aérea, terrestre e líquida do planeta são abarcadas tematicamente pelas diversas subdivisões do ‘edifício geográfico’, mas numa ordem distinta dos padrões vigentes. Assim, vemos a climatologia ser deslocada de sua posição inicial no estudo fisiográfico para o final, dada a ponte que estabelece entre este estudo e a parte da geografia voltada para a distribuição dos seres que habitam a Terra – a vida vegetal, animal e humana, dependente em grande medida da influência do clima. De forma semelhante, a geografia matemática é retirada de seu lugar na geografia fisiográfica para ocupar uma função introdutória do estudo geográfico como um todo. A justificativa de Bernardino quanto a isso é sintomática. Citando De Martonne, ele adverte que a detenção prolongada neste campo só teria sentido se a geografia se ocupasse “de um globo abstrato”, e não de uma “superfície viva”, como é o caso (Souza, 1914: 20).
- 9 Através dessas considerações, o autor avança em questões esboçadas anteriormente, de forma sistemática e aprofundada. São questões que acompanham toda a extensão de sua obra, demonstrando conhecimento da produção geográfica estrangeira “de ponta”, preocupação em adaptar conteúdos científicos ao universo didático e comprometimento nacionalista. O leitor é convidado a conferir tais matizes do pensamento de Bernardino de Souza, a partir do texto selecionado.
- 10 Do ponto de vista editorial, nos pareceu impossível adaptar a linguagem do mestre baiano, de estilo rebuscado, às normas do português contemporâneo, temendo danificar sua força expressiva. Dessa forma, optamos por manter a ortografia original do texto. De modo a desenvolver alguns temas pontuais tangenciados pelo autor, recorreremos ao recurso de notas explicativas assinaladas ao longo da memória transcrita.

BIBLIOGRAFIA

Anselmo, Rita de C. M. S. (2002). “A formação do professor de Geografia e o contexto da formação nacional brasileira”. In: Oliveira, A.; Pontuschka, N. (orgs.). *Geografia em Perspectiva. Ensino e Pesquisa*. São Paulo, Contexto, pp. 249-253.

Capel, Horacio (1981). *Filosofía y ciencia en la geografía contemporánea*. Barcelona, Barcanova.

Escolar, Marcelo (1989). “Um discurso ‘legítimo’ sobre o território: Geografia e Ciências Sociais”. In: *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo, Hucitec, 1996.

Machado, Mônica Sampaio (2003). “José Veríssimo e a Proposta da Geografia Pátria na primeira República Brasileira vista através dos programas de Geografia do Gymnasio Nacional”. *GEOgraphia*, v. 5, n. 9, pp.85-113.

Nunes Pereira, Sergio (2010). “Assim se passaram cem anos: um olhar sobre o I Congresso Brasileiro de Geografia (1909)”. In: Sousa Neto, M. F., Bomfim, P. R. de A. (eds.). *Geografia e Pensamento Geográfico no Brasil*. São Paulo, Annablume / GEOPO-USP, pp. 27-46.

Rhein, Catherine (1982). “La géographie, discipline scolaire et/ou science sociale? (1860-1920)”. *Revue française de sociologie*, XXIII, pp. 223-251.

Pereira, Raquel M. Fontes do A. (1989). “A Geografia na escola”. In: *Da Geografia que se ensina à gênese da Geografia moderna*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1993, 2ª ed, pp. 20-47.

Rocha, Genylton O. R. (2009). “Por uma geografia moderna na sala de aula: Rui Barbosa e Delgado de Carvalho e a renovação do ensino de geografia no Brasil”. *Mercator* ano 8, n. 15, pp. 75-94.

Souza, Bernardino José de (1911). “A remodelação do ensino de Geografia é uma necessidade inadiável, tendo como base a criação de uma cadeira de Geografia Física”. *Anais do I Congresso Brasileiro de Geografia*, vol. XI, pp. 87-113.

_____ (1914). “A ciência geográfica. Seu conceito e suas divisões. Seriação lógica dos estudos geográficos”. *Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia* Ano XXI, v. XIX, n. 40. Bahia: Tipografia Baiana de Cimcimmato Melchiades.

Vlach, Vânia (1991). “Significado particular do ensino de geografia no bojo da constituição do Estado-nação alemão no século XIX”. *Sociedade & Natureza* ano 3 n. 5-6, pp. 5-10.

_____ (2004). “O ensino de geografia no Brasil: uma perspectiva histórica”. In: Vesentini, J. W. (org.). *O Ensino de Geografia no Século XXI*. Campinas, Papiris, pp. 187-218.

Zusman, Perla e Nunes Pereira, Sergio (2000). “Entre a ciência e a política: um olhar sobre a geografia de Delgado de Carvalho”. *Terra Brasilis* v.1, n. 1, pp.51-78.